



“O quintal de Magú é maior que o mundo”: resistência e ancestralidade no Quilombo de Cuieiras, Pernambuco

“Magu’s backyard is bigger than the world”: resistance and ancestry in Quilombo de Cuieiras, Pernambuco

CAVALCANTI, Joanna A. S.¹; DE OLIVEIRA, Maria Augusta B.²; PEREIRA, Mônica Cox de B.³

¹ Doutoranda pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)/NEPPAG, joanna.amarante@ufpe.br;

²Cordenadora da casa Iyá Marisqueira; ³Professora do departamento de Geografia e do PPGE/UFPE/Coordenadora NEPPAG, monicacoxbp@gmail.com.

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Ancestralidades, terra e território

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal analisar o quintal de Magú, localizado dentro do quilombo de Cuieiras, como território de resistência aos processos coloniais hegemônicos. Diante disso, como objetivos específicos é fundamental entender o que é um quintal, sua dinâmica e elementos, bem como compreender que tipo resistência esse território representa. Para cumprir os objetivos propostos, a metodologia aplicada é a pesquisa-ação com ênfase, no caso desta pesquisa, a observação participante e a narrativa de Magú, quilombola e dona do quintal. Nesse sentido, o quintal em questão é composto por diversos elementos (casa Iyá Marisqueira, agrofloresta, riachos, terreiro, etc) que contribuem para a manutenção da vida através da preservação da agrobiodiversidade, de saberes locais e do exercício da ancestralidade. Assim, o quintal de Magú representa uma resistência aos processos moderno-coloniais que cercam o quilombo de Cuieiras.

Palavras-chave: protagonismo feminino; mulheres marisqueiras; comunidade quilombola; decolonialidade; agroecologia.

Introdução

O Quilombo de Cuieiras está localizado no litoral Norte de Pernambuco, no município de Igarassu, a cerca de 30km de Recife, capital do Estado. Cuieiras é uma comunidade localizada às margens do Rio Timbó e tem como principais atividades a pesca artesanal e a agricultura, ambas protagonizadas por mulheres. Estima-se que vivam cerca de 150 famílias na comunidade.

Uma dessas famílias é a de Magú (Maria Augusta), coordenadora da casa das Iyás Marisqueiras e uma das lideranças comunitárias do quilombo. A terra em que vive Magú está em sua família há décadas e nela é possível encontrar uma série de elementos que conectam seu território e sua ancestralidade, especialmente através de seu quintal. Dessa forma, parafraseando Manoel de Barros, o quintal de Magú é maior que o mundo e carrega a potência de seu território.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar o quintal de Magú como território de resistência aos processos coloniais hegemônicos. Para isso, faz-se necessário entender o que é um quintal, as dinâmicas e elementos que



compõem o quintal de Magú e como este representa uma resistência diante dos processos moderno-coloniais que o cercam. Na discussão teórica, utilizaremos autores e autoras como Emmanuel Almada, Mariana Souza, Maria do Socorro Oliveira e Alexandra Filipa para o debate acerca dos quintais.

Metodologia

A metodologia aplicada neste trabalho tem como base a pesquisa-ação, nela a relação sujeito pesquisador/sujeito pesquisado é central, isso porque ela se baseia no diálogo e na construção coletiva do conhecimento. Sobre isso:

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados. (BALDISSERA, 2001, p. 2)

Dito isso, a pesquisa-ação tem grande potencial de transformação social (OLIVEIRA, 2018), pois, estabelece uma relação tênue com a realidade social/territorial e com sujeitos do local para além dos objetivos de pesquisa. Não funciona apenas como uma aproximação do recorte de pesquisa, mas com uma inserção dentro de um território e suas complexidades.

É importante ressaltar também que para essa metodologia existe um leque de procedimentos metodológicos possíveis, no caso desta pesquisa optamos por, além da observação participante, realizar a mediação teórica a partir da narrativa da história de vida de Magú, uma das autoras desse trabalho e dona do quintal em questão.

Resultados e Discussão

O quintal pode ser descrito como uma área circundante a casa, seja rural ou urbana, que possui várias finalidades para a vida cotidiana (ALMADA e SOUZA, 2017). No caso de agricultores e agricultoras, como Magú, uma importante função é a de experimentar novas técnicas, produzir saberes e preservar a agrobiodiversidade local (PINILLA e OLIVEIRA, 2019).

Além disso, é fundamental destacar que as mulheres exercem um papel central sobre esse território, isso porque, muitas vezes o quintal é atribuído como uma extensão da casa, que é de responsabilidade dessas mulheres. Sobre isso:

[...] culturalmente, são as mulheres as responsáveis pelas tarefas ligadas ao desenvolvimento e manutenção dos quintais, incluindo a preparação da terra, limpeza, colheita e o armazenamento de sementes. (OAKLEY, 2004). São elas que possuem um significativo conhecimento sobre as espécies e os recursos genéticos, assegurando por meio de sua atividade produtiva as



bases para a segurança alimentar (PACHECO, 2002). (PINILLA e OLIVEIRA, 2019, p. 128)

Almada e Souza (2017) vão corroborar com essa importância das mulheres, e, vão enfatizar os quintais como “santuários da biodiversidade”. Diante disso, é fundamental situar que o quintal de Magú já se compreende como uma agrofloresta, que é um sistema de produção, com base em saberes tradicionais, que trabalha com base na diversidade de espécies e busca imitar, através do respeito aos processos de cada cultivo, o ciclo de equilíbrio da natureza (CENTRO SÁBIA, 2010). Há mais de 50 anos, quando a família de Magú inicialmente plantou árvores frutíferas como pés de Jenipapo, coqueiros variados, cajá, caju, mangueiras, limoeiros variados, bananeiras, ingazeiros, fruta pão e jaqueiras. Vale destacar também que outras frutíferas do território estão há muito mais tempo e nascem espontaneamente hoje em dia como jatobá, araçá, azeitona roxa e guaraná. Magú e sua família também planta macaxeira, inhame, batata doce, feijão verde, milho, jerimum e ervas medicinais

Outro importante elemento que se faz presente em seu quintal é a Casa Iyá Marisqueira, que é uma organização de mulheres quilombolas centralizada na família, e, que desenvolve trabalhos de agroecologia, educação e economia comunitária, com uma perspectiva afrocentrada. Desde 2019, com a fundação da Casa, Magú vem plantando e manejando, entre os mamoeiros e bananeiras, hortaliças como: alface, tomate, pimentão, coentro, couve, repolho, beterraba, beringela, rúcula, quiabo, e com sucesso, tem colhido todas essas culturas. (ver figura 1).



Figura 1: Bananeira, coqueiro e mangueira do quintal de Magú. Fonte: Maria Augusta, 2023.



A busca por um modelo de vida mais integrado com o ambiente de mata e das águas é uma premissa para essa organização, por isso, foi construída uma fossa de bananeira para a sede da organização, através de um mutirão com as moradoras do quilombo. A fossa também compõe esse quintal, que reflete o santuário da agrobiodiversidade mencionado.



Figura 2: Casa Lyá Marisqueira. Fonte: Joanna Amarante, 2022.

O fato da Casa das Lyás Marisqueiras (ver figura 2) coexistir dentro do quintal de Magú nos ajuda a entender um outro importante significado do quintal como um ambiente de socialidade e trocas. Com relação a isso:

Como importantes espaços de trocas e relações, os quintais rurais e urbanos podem ser descritos como espaços privilegiados de socialidade (cf. STRATHERN, 2006; LATOUR, 2005), na medida em que abrigam a transmissão e atualização dos saberes tradicionais, as relações entre humanos e não-humanos, os aprendizados, as vivências, as brincadeiras, as festividades. Contribuem, assim, para reforçar os vínculos entre parentes, amigos e vizinhos, além de ativar memórias, entendidas aqui como negociações de homens e mulheres que os ligam às suas comunidades e identidades, selecionando o que deve ser transmitido, além de afetos e resistências. (ALMADA e SOUZA, 2017, p. 20).

Essa resistência mencionada é atestada também no fato de que a existência da Casa das Lyás proporciona um tensionamento ao modelo de mundo moderno-colonial, que é patriarcal, capitalista e enxerga a natureza como um recurso e não como bens comuns. Assim, ao propor o protagonismo feminino, as reflexões afrocentradas e ancestrais materializadas através de cursos formativos realizados na comunidade e para a comunidade, bem como a integração com a natureza, possibilitam um giro descolonial, aqui entendido como ponto de inflexão epistêmica, ética e política frente às heranças coloniais expressas através da colonialidade (CRUZ e OLIVEIRA, 2017).



Sobre a ancestralidade, um outro elemento do quintal de Magú atravessa essa questão, visto que ele também é um terreiro de Jurema, local sagrado de reza, cura e ritos, onde a família e a comunidade praticam a espiritualidade. A relação que Magú e sua família têm com essa terra é ancestral, já que sua família materna é nativa dessa comunidade quilombola e permanece ainda nos dias de hoje. A terra, além de dar de comer para sua família e comunidade, também alimenta a espiritualidade, servindo ao terreiro com as ervas da jurema sagrada e a criação orgânica de galinhas e galos, outro elemento presente no quintal agroecológico de Magú.

Por fim, é fundamental ressaltar que existe um trabalho recente e em andamento relacionado às águas doces do quilombo Cuieiras. A Casa Iyá Marisqueira está num processo de recuperação do riacho que desemboca no rio Timbó, fazendo limpezas e recuperação de nascentes, cacimbas e córregos. Um desses riachos fica localizado no quintal de Magú, que mais uma vez reforça o rompimento entre a cisão sociedade-natureza tão enfatizada na modernidade. Essa manutenção da vida nas mais diversas formas representa uma resistência. Diante disso,

Os quintais, assim, podem ser entendidos como o espaço de resistência do cotidiano, das experiências íntimas, da repetição diária de atividades, do anonimato, possivelmente fora de alcance dos controles do mercado. Este cotidiano dos quintais, de forma consciente ou não, é uma brecha, um espaço de vida e de invenção, um contraponto à ordem hegemônica. O tempo que passa livre, o descanso, os cuidados e as satisfações, a vinculação das experiências humanas à fenologia das plantas, o espaço de brincadeiras e encontros representados pelos quintais são elementos de fuga de uma sociedade cada vez mais mediatizada pelas redes virtuais e em que tudo se transforma em mercadoria (cf. BAUMAN, 2001). (ALMADA e SOUZA, 2017, p. 25-26).

Dito isso, é possível perceber que apesar de ser o quintal de Magú, ele é vivenciado pela comunidade de diversas formas como um território de troca, aprendizagem, conhecimento e espiritualidade, de base agroecológica e ancestral o que evidencia a resistência aos processos que acontecem, cercam e ameaçam a comunidade.

Conclusões

A título de conclusão, é importante ressaltar que o quintal de Magú, localizado no quilombo de Cuieiras, é um santuário de agrobiodiversidade de base agroecológica no litoral de Pernambuco. O quintal dessa liderança carrega vivências, práticas e saberes da comunidade e de sua ancestralidade. Esse valor simbólico se materializa através dos mais diversos elementos que compõem esse território, são eles: a agrofloresta, iniciada por antepassados há mais de 50 anos, a fossa de bananeira, a casa Iyá Marisqueira, o terreiro de Jurema e os riachos em processo de recuperação.



Diante disso, é possível afirmar que o quintal de Magú é composto por diferentes formas de resistência, visto que esse possibilita a manutenção da agroecologia como prática e movimento através da ancestralidade, espiritualidade e do protagonismo feminino presente na organização das Iyás Marisqueiras. Rodeado pela lógica moderno-colonial, o quintal é uma parte viva e integrada à resistência comunitária e quilombola.

Agradecimentos

À Magú, por aceitar essa escrita coletiva e por todo acolhimento em minhas visitas ao quilombo.

À CAPES, pelo apoio e financiamento para pesquisa.

Ao Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Agroecologia e Geografia (NEPPAG Ayni/UFPE) por possibilitar um espaço de debate, reflexão e desconstrução tão importante em minha trajetória.

Referências bibliográficas

ALMADA, Emmanuel; SOUZA, Mariana. **Quintais: Memória, Resistência e Patrimônio Biocultural**. Belo Horizonte: EdUEMG, 191 p. 2017.

BALDISSERA, Adelina. **Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo**. Revista Sociedade em Debate, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, agosto, 2011.

CENTRO SABIÁ. **Agricultura agroflorestal e criação animal no**. texto: Adeildo Fernandes da Silva, Alexandre B. Pires, Carlos Magno de Medeiros Moraes, Maria Cristina Aureliano, Maria Laudence Alves Oliveira. Recife: Centro Sabiá, 2010.

CRUZ, Valter; OLIVEIRA, Denílson de. **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamentocrítico / organização** Valter do Carmo Cruz, Denílson Araújo de Oliveira. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Letra Capital, 2017.

OLIVEIRA, Danielle. **Entre vozes, espaços, cartografias e ações: Os territórios da juventude do bairro do Sítio Cercado e o ensino de geografia**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Curitiba, 2018.

PINILLA, Nara; OLIVEIRA, Maria do Socorro. **A percepção sobre os quintais rurais por mulheres agricultoras do sertão do Pajeú-PE**. Caderno de Ciências Sociais da UFRPE. Ano VIII. v. II, n 15. 2019.